

Nos Caminhos do Ferro: Construções e manufaturas no Recife (1830-1915) – Paulo M. Souto Maior



A abordagem do livro *Nos Caminhos do Ferro: Construções e manufaturas no Recife (1830-1915)* é construída a partir de uma base documental sobre a qual se apresentam novos argumentos sobre a tecnologia do século XIX. Neste caso se estudam os aspectos socioculturais e econômicos em relação às construções metálicas e se expõem como, uma sociedade distante dos grandes centros de decisão, chegou a aceitar e importar processos e modelos arquitetônicos provenientes da velha Europa.

A pesquisa buscou dados múltiplos em artigos e em pequenos anúncios de periódicos, alheios a atividade habitual dos textos sobre arquitetura. Mas, ao tratar das construções metálicas, o autor orientou-se no sentido dos aspectos mais arquitetônicos das técnicas e das tecnologias em estruturas metálicas, a relação com o espaço e com suas dimensões, aos quais acrescentou a ventilação e a iluminação naturais. Tudo isso permitiu avaliar como essas técnicas e os modos arquitetônicos associados a elas se adaptavam ou não a nova circunstância de um clima bem diferente aos das regiões de origem e, em consequência, surgiu uma questão fundamental: se realmente a nova arquitetura era adaptada a nova realidade de um clima tão diferente.

Embora o objeto central do trabalho focalize as estruturas metálicas, sua abordagem é construída a partir de outros segmentos. É o caso daqueles aplicados às manufaturas de metais na cidade e à importação de ferragens e máquinas. Além desses segmentos, elementos decorativos, jaquetas inglesas, vestidos franceses, encenações de peças teatrais



sobre os aspectos sedutores da ciência, invenções esdrúxulas, fármacos e terapias milagrosos ajudam a compor o cenário da transferência de tecnologia da Europa ao Recife, que se deu na segunda metade do século XIX e nos primórdios do XX.

Tratava-se de um período de grandes transformações e, nesse ambiente, incorporou-se, especialmente na virada do século, novos valores àqueles excessivamente bacharelescos, quando surgem e se consolidam novas necessidades. É o caso das travessias oceânicas mais rápidas, da força animal suplantada pelo vapor, das pontes metálicas e dos móveis de ferro fundido. E, nesse quadro, até o homem podia ser representado como autômato.

Esses elementos, supérfluos ou imprescindíveis, ao desembarcar na cidade, criaram um momento efêmero e transitório. Era o contato inicial da população – composta por uma maioria ignorante e incapaz de entender aspectos abstratos da economia, da sociedade e das finanças – com os novos processos. Momento também de atitudes espontâneas, pessoais e muitas vezes de assombro diante das novidades. Como desdobramento, houve uma repercussão na economia e, principalmente, a incorporação de novos valores.

Independentemente da forma e local de produção, aqueles objetos de ferro, inclusive os elementos construtivos, podiam ser completos ou em partes e importados ou manufaturados na cidade, mas o fato é que se copiou aqui o que se fazia lá fora. Ainda assim houve, nas manufaturas da cidade e em nível nacional, como reflexo do que vinha de fora e era assimilado, uma produção de destaque. Nesse processo, algumas novidades incorporavam-se à vida das pessoas como se tivessem surgido e evoluído na região. Seria então tecnologia?

Especificamente em relação à arquitetura, é possível, em consonância com esses aspectos da região e de seus moradores, traçar sua transformação – ou talvez fosse melhor falar em adaptação às condições climáticas e culturais das construções metálicas do século XIX e dos começos do XX. Vale acrescentar, em relação aos cidadãos, que esse processo também é verdadeiro, especialmente porque se percebem, em momentos distintos, posturas diferentes em relação às importações. No Recife, soma-se a essa circunstância, que encontra similitudes com outras capitais e regiões do país, algumas particularidades que motivaram, de forma precoce, a confluência de novas tecnologias, em especial a dos elementos estruturais metálicos. Nessa perspectiva reside a especificidade do estudo.

Anne-Marie Pessis

Departamento de Arqueologia, UFPE

